



Falando de quando fui morto em Varzelândia...

Tudo começou quando seguia para o trabalho e fui derrubado da moto que pilotava, atingido por uma corda na altura do pescoço. Fui arrastado pelo asfalto. Os estudantes que estenderam a corda na pista - para que eu parasse e pudesse conseguir de mim alguns trocados -, correram em meu socorro, aflitos, pedindo desculpas. Sentindo o pescoço arder, as mãos, os cotovelos, aceitei.

E segui adiante.

Na TV, contei o fato a Elias Siufi que o comentou no seu programa "Dois Pontos". "Um absurdo", ralhou com os colegiais que poderiam ter causado minha "morte".

No dia seguinte estava de férias, refeito do susto. Uma semana depois, estava em Varzelândia. Eu e uma caravana de gente de arte e cultura, do "Projeto Circuladô das Veredas", sensacional intercâmbio entre as secretarias de Cultura do norte de Minas, criado na gestão de Ildeu Braúna.

Na primeira noite em Varzelândia, sem nada para fazer, depois de acomodados numa pensão, saí de fininho para dar um passeio pela vizinhança. Era noite de lua cheia e a rua por onde passava estava vazia. Vi apenas duas mulheres numa prosa na porta de casa. Elas me passaram a impressão de assustadas quando me

viram, baixando a voz num sussurro que não consegui entender. Pensei: reação normal às pessoas quando se deparam com um forasteiro. E segui com o meu passeio até retornar à pensão, onde me acomodei numa das cadeiras do alpendre. Foi quando as duas mulheres surgiram acompanhadas de um homem. Venceram o pequeno portão e a três metros de mim pararam, encarando-me com a expressão de quem vê um fantasma - para elas, exatamente o que eu era, saberia depois.

- Não falei? É ele!

- É ele, mesmo!

- Meu Deus! Vocês têm razão. É ele! - completou o moço.

Em seguida, os três iniciaram debandada, enquanto eu tentava colocar meu queixo de volta ao seu lugar.

- O que foi isso? - perguntei pra mim mesmo, então, tido pelos anfitriões como um "ele".

Sem respostas, dormi aquela noite sem entender nada.

No dia seguinte, finalmente pude entender o que se passara. E foi exatamente o trio de assustados que me elucidou o mistério de tanto espanto, procurando-me logo

cedo na pensão. Contaram que a notícia do meu acidente, em Montes Claros, quando Elias comentou que eu "poderia ter morrido" ganhara contornos macabros em Varzelândia, correndo o boato de que teria sido fatal. E que a minha ausência na apresentação do MGTV, nos dias posteriores, "confirmaria a tragédia".

- Você sumiu da tela e pensamos: o jornalista morreu, mesmo!

- É que estou de férias, estarei fora do ar por alguns dias - tentei explicar.

- Pra nós, você estava mesmo era para sempre fora do ar - acentuou o homem.

- Ave Maria! Você vai viver muito ainda, meu filho - atalhou a mulher.

Vale ressaltar que os três dias seguintes em Varzelândia foram sensacionais, com muita cultura: teatro, música, oficinas de arte, literatura, artes plásticas, artesanato. E o melhor: três dias em que senti, talvez como nunca antes, a sensação de estar vivo na silva. E logo em Varzelândia, onde me viram como um zumbi andando na noite enluarada.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



